

CORREIO NO MUNDO

Reuters/Folhapress



Incêndios estão consumindo as árvores da Patagônia

Falta de neve na Patagônia aumentou risco de incêndios

Os incêndios que hoje consomem partes da Patagônia argentina refletem um problema que começou no inverno passado, com a baixa quantidade de neve que caiu na região, preocupando moradores, turistas e empreendedores que dependem dos visitantes.

O inverno de 2025 foi de pouca precipitação na forma de neve em toda a cadeia montanhosa, de Bariloche e El Bolsón (na província de Rio Negro) e das cidades próximas da província de Chubut, o que levou a uma diminuição do nível dos rios na primavera e agora, no verão. A falta de neve aumentou a propensão a incêndios florestais, como os que estão ocorrendo na região do Parque Los Alerces, os maiores para a região em mais de duas décadas.

Meses mais secos dos últimos cinco anos

“Está tudo interligado: se neva pouco no inverno, chega menos água aos rios e lagos na primavera e no verão, a terra fica mais seca e mais desprotegida. Isso reduz tanto o turismo de inverno, nos campos de esqui, quanto o de verão, nos parques”, resume o guarda florestal Luciano Machado, que trabalha no combate aos incêndios. Junho e julho de 2025 foram os meses mais secos nos últimos cinco anos, com precipitações inferiores à metade do que era esperado.

Pablo Daniel Cortez via Wikimedia Commons



Falta de neve tem afastado turistas de Bariloche

Falta de neve afeta turismo na região

Com menos neve, os visitantes passaram menos tempo nas cidades. A atividade turística em Bariloche caiu 3,6% em 2025 em comparação a 2024, apesar de o ano ter terminado com mais de 1,5 milhão de turistas, segundo a Associação de Negócios Hoteleiros e Gastronômicos da cidade argentina.

A falta de neve afetou os centros de esqui de montanha, resultando no fechamento antecipado da temporada em La Hoya, na cidade de Esquel (Chubut), que encerrou quase dois meses antes do esperado.

Esperança de recuperação em 2026

Para este ano, os administradores dizem contar com um inverno mais forte. “Nunca vi tão poucos turistas quanto no ano passado e agora”, diz o agente de turismo Ricardo Niseggi. “As pessoas veem que não caiu neve e vão embora antes do planejado no inverno; escutam o noticiário sobre os incêndios, se assustam e não vêm no verão.”

Por Douglas Gavras (Folhapress)

Terremoto

Um terremoto de magnitude 5,5 atingiu Cuba na manhã deste domingo (8). O tremor foi detectado no leste do país e ocorreu em região próxima à província de Guantánamo. O abalo sísmico foi registrado por volta das 8h (horário local), de acordo com o CENAIS (Central Nacional de Investigações Sismológicas).

Sem vítimas

O terremoto teve magnitude 5,6 e ocorreu a cerca de 7 km de profundidade. Segundo o boletim, o epicentro ficou a cerca de 30 km a sudeste de Imías, na província de Guantánamo. Não há registro oficial de vítimas ou danos divulgados por autoridades cubanas. Não houve alerta de tsunami emitido.

Tremores menores

O epicentro foi localizado no extremo leste da ilha, área conhecida por atividade sísmica devido à proximidade de falhas tectônicas no Caribe. O EMSC (Centro Sismológico Europeu-Mediterrâneo) também registrou tremores de menor magnitude em outras regiões do mundo, como Indonésia, Polônia e o norte da Itália.

Tragédia na Índia

Um policial de 59 anos morreu e ao menos 12 pessoas ficaram feridas depois que um brinquedo giratório colapsou e um portão foi derrubado em um intervalo de uma hora na noite de sábado (7) na Feira Internacional de Artesanato de Surajkund, em Faridabad, perto de Nova Déli, na Índia. A informação foi publicada pela imprensa local.

Policial morto

O brinquedo, uma plataforma que carregava cerca de 20 pessoas sentadas no momento do acidente, funcionava girando em torno do seu eixo. De acordo com a rede NDTV, o policial Jagdish Prasad tentava resgatar visitantes quando uma parte do brinquedo caiu sobre ele, que não sobreviveu ao incidente.

Segundo acidente

O diretor-geral da Polícia de Haryana, Ajay Singh, disse que a família de Prasad receberá uma compensação financeira. Ele se aposentaria em março. O acidente com o brinquedo ocorreu uma hora depois de um portão próximo à praça de alimentação da feira ter caído devido a ventos fortes, ferindo um homem e uma criança.



Antonio José Seguro recebeu votos da direita no 2º turno

Antonio Seguro é o presidente de Portugal

Socialista venceu de lavada o pleito, com 66% dos votos

António José Seguro, candidato da esquerda e quadro histórico do Partido Socialista, venceu de lavada as eleições deste domingo (8) e será o próximo presidente de Portugal.

Com 98,6% das urnas apuradas, o político que se apresenta como “democrata, progressista e humanista” tinha cerca de 66,6% dos votos válidos, superando com facilidade André Ventura, do partido ultradireitista Chega, com 33,4%.

A projeção da abstenção é entre 42 e 48%. No primeiro turno foi 47,7%. Isso significa que não houve um número significativo de pessoas que deixaram de votar.

Ventura reconheceu a derrota minutos depois da divulgação das primeiras projeções. “Desejo que Seguro seja um bom presidente porque os portugueses precisam”, afirmou o candidato do partido Chega. “Espero poder liderar o espaço da direita a partir de agora.” Já Seguro, que deve discursar mais tarde, disse apenas: “Meu objetivo é servir ao meu país. O povo português é o melhor povo do mundo”.

Alguns municípios em estado de calamidade pública devido às chuvas que atingem Portugal só vão às urnas na semana que vem. Eles respondem, no entanto, por menos de 1% dos votos. As apurações no resto do país seguirão normalmente.

A vitória de Seguro encerra um paradoxo. No primeiro turno, candidatos identificados com a esquerda obtiveram cerca de 35% dos votos, enquanto os contendores à direita somaram mais de 50%.

Como foi possível, nesse contexto, a vitória de um quadro histórico do Partido Socialista?

A resposta pode estar numa pesquisa da Universidade Católica Portuguesa realizada na semana anterior à eleição. Para a maior parte dos entrevistados, tratava-se não de uma disputa entre esquerda e direita, mas entre moderados e extremistas.

Venceu Seguro, um socialista moderado não apenas na atuação política, mas também no sobrenome e no slogan de campanha “Futuro Seguro”. O ultradireitista Ventura, que prometia sacudir Portugal com um “abanão”, ficou pelo caminho.

Seguro encarna igualmente uma demanda por previsibilidade. “Até recentemente os eleitores portugueses estavam acostumados a governos estáveis, onde moderados de direita e de esquerda se alternavam e cumpriam seus mandatos até o final, mas isso mudou depois da pandemia”, diz André Santos Pereira, professor de comunicação política na faculdade ISCTE e diretor-associado da consultoria Political Intelligence.

Seguro é visto como alguém que só dissolveria o Legislativo em último caso. “Ele é um político oriundo da esquerda que conversa bem com a direita”, afirma Santos Pereira. Os portugueses apostam numa convivência pacífica entre Seguro e o premiê Luís Montenegro, que governa à frente da Aliança Democrática, uma coligação de centro-direita.

Por João Pedro de Lima
(Folhapress)